

Editorial

Este número de Percurso se encerrou quando estávamos ainda sob impacto do êxito do movimento *Levante! Por uma psicanálise antirracista*. Está em curso um amplo projeto do conjunto do Departamento de Psicanálise de maior comprometimento da psicanálise com as implicações teórico-clínicas decorrentes do racismo e de mobilização coletiva para uma formação inclusiva.

É nesse momento institucional que abrimos o número com um artigo que traz a obra de Tosquelles. Ganha evidência a importância da ampliação da escuta: da comunidade e seu contexto, das instituições e seus atores, do estrangeiro interno, assim como da linguagem do corpo. Chama a atenção o fato de que o projeto clínico e político de Tosquelles se dá em uma “época convulsa” e que, em sua realização, “cada circunstância é recebida como oportunidade para a elaboração”.

Nessa mesma direção segue a entrevista com Jorge Broide, que redobra a vertente da necessária implicação com a escuta do social. Comprometido, desde o início de sua graduação como psicólogo em meados da década de 1970, com a escuta do sofrimento em situações de extrema vulnerabilidade, Broide conta do isolamento em que sua atividade clínica permaneceu até muito recentemente por falta de reconhecimento, o que limitava as possibilidades de diálogo dentro do campo psicanalítico. Na entrevista, ele fala de sua atividade clínica nas ruas e espaços da cidade, onde dispositivos singulares são criados a partir da escuta dos laços conscientes e inconscientes pulsantes e do que emerge nesses territórios.

As questões sociopolíticas que tomam vulto em determinada época como propulsoras determinantes do acontecer psíquico e da oportunidade de elaboração e gestação de práticas inovadoras estão

presentes neste número da *Percurso*, tanto nas múltiplas facetas em que a clínica se dá, como no trabalho conceitual. Destaca-se uma clínica capaz de acolher as sutilezas e complexidades do intrapsíquico e dos vínculos, suficientemente capaz de dar lugar a sua difícil elaboração em um contexto cultural de grande instabilidade e contato com dolorosos conflitos, em constante tensão entre reconhecimento e silenciamento.

A consciência de que somos todos sujeitos racializados é fundamental e determinante para a reflexão presente no artigo sobre conjugalidade inter-racial, que interroga os efeitos gritantes da estrutura social racista de poder na singularização de cada um dos sujeitos e para a formação do “nós” conjugal. Destaca-se um panorama conceitual abrangente sobre a temática da raça. Entre outros conceitos, a autora trabalha o da identidade negra como existência negada, forjada em contraposição à legitimação da subjetividade branca. As práticas de reparação são apontadas como caminho de superação das defesas suscitadas diante da violência e desumanização com a qual somos confrontados.

Outros artigos, a partir de perspectivas distintas, contribuem para pensar os paradoxos inerentes ao funcionamento mental e às possibilidades criativas.

Os impasses entre lembrança e esquecimento no aparelho psíquico individual e entre os apagamentos e memória no âmbito cultural retornam em artigo que investiga a memória. Ao percorrer diferentes modelos de funcionamento mental em Freud e os relacionar com os conceitos de

Máquina de escrita e Mal de arquivo de Derrida, o texto põe em relevo a importância da memória para a possibilidade de novas produções de sentido.

O trabalho imprescindível da elaboração metapsicológica e suas transformações no tempo estão presentes em artigo que aborda as diferentes concepções de pulsão de morte na obra de Ferenczi e estabelece, com rigor e cuidado, a articulação desse conceito com os outros elementos presentes no contexto teórico em que ocorreram tais reformulações.

A reflexão a partir de casos clínicos predomina tanto em artigo que aborda as dificuldades particulares no vínculo estabelecido em decorrência da condição *borderline*, como na seção Debate Clínico, que apresenta a discussão de um caso sob o título “Dançando nos parapeitos da morte”, com a difícil e longa travessia de uma analista acompanhando o comportamento errático e autodestrutivo de seu paciente.

A ênfase dada às questões contemporâneas e impasses do silenciamento permanecem presentes nesse número de *Percurso* também no artigo “A vida na era da perplexidade”, que aborda o ambiente cultural atual, sua conexão com o funcionamento mental e sua relação com a ameaça à democracia, bem como na seção Debate, que interroga a estrutura discursiva do mundo presente.

Saibamos escutar nosso tempo e seus efeitos, elaborar práticas, teorizar e produzir movimentos condizentes com nossa época.

Boa leitura!